



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE- CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA- UAPSI

JOSÉ MIGUEL ROSALVO DA SILVA

SEPULTA-A-DOR: REFLEXÕES SOBRE OS POSSÍVEIS EFEITOS DO TRABALHO
COMO COVEIRO

CAMPINA GRANDE- PB
2018

JOSÉ MIGUEL ROSALVO DA SILVA

SEPULTA-A-DOR: REFLEXÕES SOBRE OS POSSÍVEIS EFEITOS DO TRABALHO
COMO COVEIRO

Trabalho apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande/PB, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Karynna Magalhães Barros da Nóbrega

CAMPINA GRANDE- PB
2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Tereza Brasileiro
Silva, CCBS/UFCG**

S586s

Silva, José Miguel Rosalvo da.

Sepulta-a-dor: reflexões sobre os possíveis efeitos do trabalho como coveiro
/ José Miguel Rosalvo da Silva. – Campina Grande: o autor, 2018.

28 f..

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientadora: Prof.^a Karynna Magalhães Barros da Nóbrega, Dra.

1. Psicanálise. 2. Saúde Mental. 3. Reforma Psiquiátrica. I Autor. II. Nóbrega,
Karynna Magalhães Barros da. (Orientador). III. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG|

CDU 159.964.2 (813.3)

**Responsabilidade técnica - catalogação:
Jônatas Souza de Abreu, M Sc. CRB-4/1823**

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ MIGUEL ROSALVO DA SILVA

**SEPULTA-A-DOR: REFLEXÕES SOBRE OS POSSÍVEIS EFEITOS DO TRABALHO
COMO COVEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

APROVADO EM: 13/12/2018

BANCA EXAMINADORA:

Karynna M. B. da Nóbrega.

Profa. Dra. Karynna Magalhães Barros da Nóbrega

Orientadora – Profa. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de
Campina Grande-UFCG

Tiago I. Neves

Prof. Dr. Tiago Iwasawa Neves

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-
UFCG

Elvia Lane Araújo do Nascimento

Profa. Dra. Elvia Lane Araújo do Nascimento

Profa. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-
UFCG

CAMPINA GRANDE- PB
2018

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as possíveis influências da atividade de coveiro sobre a saúde mental do sujeito que atua em tal ofício. Inicialmente, realizamos uma discussão sobre trabalho e sua importância como fator produtor de saúde ou adoecimento. Logo após, discorremos sobre a rotina e a importância social dessa profissão. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica sobre as produções, do período de 2013 a 2018, nas plataformas SciELO, BVS, BDTD, CAPES e Google Acadêmico, utilizando como palavras-chave coveiro *or* sepultador, que visavam tratar dos profissionais coveiros. Pensando nisso, construímos uma análise crítica dos resultados, categorizando os pontos mais relevantes. Identificamos, assim, um baixo número de produções que tratam acerca dessa temática, dado que indica a invisibilidade social, experienciada por esses profissionais, os quais acabam por sofrer com estigmas atribuídos a essa profissão pelo imaginário cultural. Com isso, vale ressaltar a necessidade de mais pesquisas que investiguem de que forma os sepultadores subjetivam suas vivências no trabalho e de que maneira isso repercute na vida deles, como também intervenções que propiciem a esse público uma reflexão sobre o trabalho realizado.

Palavras-chave: Coveiro. Trabalho. Saúde mental.

ABSTRACT

The present research had as objective to investigate the possible influences of gravedigger activity on the mental health of the subject that acts in such craft. To initiate, a discussion about labor as a health or illness generating factor was held. Soon afterwards, another discussion on the routine and social importance of the occupation took place. To do so, a bibliographic review on national publications from 2013 to 2018 in SciELO, BVS, BDTD, CAPES and Google Academic platforms was made, utilizing key words such as 'Gravedigger' and 'burier', which aimed to deal with professional gravediggers. With this in mind, a critical analysis of the results, categorizing the most relevant points, was constructed. As a consequence, a low number of publications that deal with this thematic were identified, which indicates the social invisibility experienced by those workers, who end up suffering with stigmas attributed to that occupation by cultural imagination. With this, it is worthy to emphasize the necessity of more researches which investigate in what manners those workers subjectivate their living at work and in what manners it reverberates in their lives as well as interventions that allow a reflection on the assignment accomplished.

Keywords: Gravedigger, Labor, Mental health.

SEPULTA-A-DOR: REFLEXÕES SOBRE OS POSSÍVEIS EFEITOS DO TRABALHO COMO COVEIRO

José Miguel Rosalvo da Silva¹

Karynna Magalhães Barros da Nóbrega²

Introdução

O trabalho, sendo do campo das relações sociais, é o que mais diz sobre o ser humano, podendo ser determinante para constituição de sua subjetividade. Nessa perspectiva, o trabalho é compreendido enquanto aquele fator que expõe a identidade de uma pessoa e que, em muitos casos, determina o seu lugar social, haja vista que as ocupações e funções laborais são as mais diversas possíveis e ocupam inúmeros lugares em termos de atuação (DEJOURS e ABDOUCHELI, 2012).

Nesse sentido, pensando sobre o trabalho voltado para a morte, os trabalhos desenvolvidos nessa esfera são atingidos por inúmeros tabus e, não raras vezes, estigmas e preconceitos atravessam os sujeitos no tocante as suas subjetividades e funcionalidades. Fato que, de acordo com Rodrigues (2006), pode ser compreendido devido à ideia de finitude e aniquilamento, ligados ao tema, uma vez que mesmo tendo certeza do fim da vida, os indivíduos, contextualizados na cultura ocidental em que vivemos, buscam o distanciamento e, em muitos casos, a negação dessa realidade.

Assim sendo, pretende-se investigar a relação dos coveiros³ com o trabalho exercido por eles, considerando essas pessoas enquanto categoria de profissionais que lidam diretamente com a morte e todos os atravessamentos que essa condição pode gerar. A saber, a compreensão do fim da existência humana como algo obscuro, permeado por valorações religiosas, ritualísticas e, não raras vezes, como algo sujo e impuro.

Diante disso, o lugar sociocultural que a morte ocupa pode ser o do trabalhador que dela se mantém. Isso quer dizer que, assim como tantas outras profissões, o profissional coveiro

¹ Graduando do décimo período do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

² Professora adjunta I da Unidade Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); pesquisadora do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana (LAPSO/ UFCG); correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP/PE) e Supervisora do Estágio Supervisionado Específico I e II.

³ Derivado de cova+eiro. Indivíduo que abre covas em cemitério. (MICHAELIS, 2018)

pode ser permeado pelos preconceitos que seu campo de trabalho possui. Como nos ensina Goffman (1982), os estigmas são características depreciativas, utilizadas para dizer sobre uma identidade virtual, uma identidade criada a partir de noções que categorizam os sujeitos de diversas formas possíveis. Portanto, muitas vezes, os estigmas e tabus atribuídos à morte e a seus rituais são atribuídos também ao profissional que representa o real da morte.

O trabalho opera numa instância, além de física, também subjetiva e psíquica. Dessa forma, o sujeito⁴ que trabalha é atravessado por sensações de prazer, alegria, mas também de desprazer, sofrimento e angústias, pois, não raras vezes, pode ocorrer a dissociação da subjetividade ligada ao trabalho, podendo gerar sofrimento psíquico e desestabilidade na saúde mental do trabalhador (DEJOURS e ABDOUCHELI, 2012). Por isso, compreende-se ser de fundamental importância a problematização das implicações desse processo de trabalho para os sujeitos envolvidos.

Articulando a relação estabelecida entre o trabalho de coveiro e saúde, este artigo busca investigar de que forma esse ofício pode afetar a saúde mental do sepultador. Seu nexos causal, entretanto, nem sempre ocorre de forma consciente, sendo importante a curiosidade do pesquisador que busque identificar se há uma vinculação entre o sofrimento psíquico e a atividade realizada. Na contramão desses riscos pode existir ainda a obtenção de prazer pelo exercício da atividade de coveiro. Desse modo, atentar para a presença de tal ponto torna-se outro campo que merece um olhar mais atento.

Diante de uma profissão marcada pela invisibilidade social, por trabalhar diretamente com uma questão considerada tabu na sociedade ocidental – a morte, o coveiro fica exposto a uma carga emocional em que a cerimônia fúnebre tenta ritualizar o sem sentido e o não saber sobre a morte. Além disso, atrelada à desvalorização salarial, acrescenta-se, ainda, a delicada relação social estabelecida com as famílias enlutadas. Portanto, a hipótese que se ergue nesta pesquisa é a de que esta é uma profissão vulnerável ao sofrimento psíquico, que procurará formas de se defender. Nesse sentido, visamos analisar de que forma as práticas realizadas pelos coveiros podem influenciar na saúde física e mental do sujeito que atua em tal ofício⁵.

⁴ A Psicodinâmica do Trabalho concebe sujeito como indivíduo único, “[...] sem outro igual, portador de desejos e projetos enraizados na sua história singular que, de acordo com aquilo que caracteriza a organização de sua personalidade, reage à realidade de maneira estritamente original. [...] é antissolipsista e sempre intersubjetivo. Este ângulo de ataque é importante, na medida em que ele privilegia, no fim das contas, as relações com os outros sujeitos e com os coletivos. [...] Fundamentalmente, o sujeito pensa sua relação como o trabalho, produz interpretações de sua situação e de suas condições, socializa essas últimas em atos subjetivos, reage e organiza-se mentalmente, afetiva e fisicamente, em função de suas interpretações, age, enfim, sobre o próprio processo de trabalho e traz uma contribuição à construção e evolução das relações sociais de trabalho” (DEJOURS e ADDOUCHELI, 2012, p. 126 - 140).

⁵ Ocupação que exige um preparo específico, seja acadêmico, técnico ou prático; profissão (MICHAELIS, 2018).

Frente a isso, o presente artigo visa contribuir para a produção acadêmica, tendo em vista a insuficiência de estudos acerca do tema. Deste modo, objetiva-se proporcionar a atenção de pesquisadores para um campo carregado de tabus e construções simbólicas, historicamente construídas, em torno da morte que, conseqüentemente, respinga diretamente sobre a saúde física e mental dos trabalhadores.

No que se refere ao campo social, a produção tem em vista minimizar os preconceitos e estigmas atribuídos aos profissionais que lidam com a morte, contribuindo para que saiam da invisibilidade e, sobretudo, comecem a ser vistos como trabalhadores os quais merecem ser respeitados pelo importante ofício exercido, imprescindível para o cuidado do espaço de memória de famílias enlutadas.

Além das justificativas supracitadas, ressalta-se que o interesse em pesquisar sobre este tema surgiu a partir de uma demanda identificada no campo de estágio do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina – UFCG, realizado no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – CEREST, dispositivo que faz parte da Política Nacional de Saúde do Trabalhador. O Ministério Público, parceiro desse dispositivo, identificou que os coveiros dos Cemitérios do Município de Campina Grande – PB não estavam utilizando equipamentos de proteção individual – EPI's⁶. Como a proposta do estágio era a saúde mental do trabalhador, começamos a atentar também para tal aspecto na vida desses profissionais.

Posto isto, busca-se nesta pesquisa pensar sobre o sepultador, sobretudo, investigando de que forma o trabalho pode ser um fator produtor de prazer e sofrimento na vida do sujeito, especificamente nessa atividade profissional, que lida com tabu evitado na cultura capitalista: a morte.

Neste sentido, a rotina e a importância social dessa profissão também foram contemplados. Por fim, buscamos refletir sobre o trabalho dos coveiros, questionando como ocorre o enfrentamento diante do preconceito, da precarização do trabalho, do real da morte, do contato com as famílias enlutadas e quais as estratégias de defesa usadas por esses trabalhadores.

Para compor o arcabouço teórico, optou-se pela discussão de alguns conceitos de três psicanalistas: Dejours (1986; 1992; 1994; 2004), Freud (1930) e Lacan (2005). O primeiro, médico especializado em medicina do trabalho e psiquiatria, criador da Psicodinâmica do Trabalho, disciplina que relaciona sofrimento, prazer e trabalho; além de conceber a pesquisa

⁶ Conforme Norma Regulamentadora nº 06, Equipamento de Proteção Individual – EPI é todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho. No caso dos coveiros: botas, luvas, máscaras, viseiras e fardas. (BRASIL, 1978).

como práxis e atentar para os efeitos da organização do trabalho na saúde física e psíquica dos trabalhadores. O segundo, médico neurologista e considerado o pai da psicanálise, escolhido para este estudo em virtude dos seus estudos sobre sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis, ou seja, frente ao mal-estar. E, o terceiro, psiquiatra e fundador da psicanálise lacaniana, por elaborar o conceito de Real, Simbólico e Imaginário. Além desses, incluímos Rodrigues (2006), tendo em vista suas reflexões sobre a morte como tabu, e Goffman (1982), o qual explora o conceito de estigma, entre outros.

Breve contextualização sobre trabalho

Dentre muitas atividades desenvolvidas pelo ser humano, o trabalho é uma das mais importantes. Nele, o produto da imaginação do homem pode ser visto, diferenciando-o de todas as outras espécies, como escreve Marx (1983 apud Braverman 1997, p. 49): “No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador”. Sem ele, todas as ações humanas sobre a natureza, tendo como objetivo modificá-la, em benefício do próprio homem, seriam impossíveis.

Nesse contexto, é do trabalho que o homem tira a subsistência dele e da família. Além de garantir a sobrevivência, essa ação pode criar meios para que o ser humano viva de forma mais confortável, pelo menos este seria um dos objetivos principais dessa prática. Como o trabalho está inserido no campo das relações sociais, seu exercício pode levar ao prazer, como também ao desprazer (desgaste físico e mental), por meio do reconhecimento ou não do olhar do outro.

A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, composto da junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”. *Tripalium* era um instrumento, contendo três pontas de madeira, usado por agricultores para “baterem” nos cereais, a fim de processá-los, ou seja, separar o grão das palhas. A palavra trabalho também é associada ao verbo *tripaliare*, que significa “torturar sobre o *tripalium*”. Por muito tempo, a palavra trabalho esteve associada à experiência dolorosa, castigo e padecimento, remetendo à maldição recebida como punição do pecado original, conforme tradição judaico-cristã (WOLECK, 2014). Este mesmo autor afirma que “Os gregos utilizavam duas palavras para designar trabalho: *ponos*, que faz referência a esforço e à penalidade, e *ergon*, que designa criação, obra de arte” (p. 03).

Desta forma, percebe-se que o trabalho, como instrumento de tortura ou castigo, não aparece apenas na tradição judaico-cristã, mas também na mitologia grega. Os Doze Trabalhos impostos a Hércules, filho do deus Zeus com a mortal Alcmena, foram consequências de

punição por seu ato insano: ter matado os próprios filhos e dois sobrinhos. Como castigo, o herói grego foi colocado a serviço do primo Euristeu durante doze anos: “Euristeu, incapaz de realizar mesmo o possível, impôs ao herói o impossível, valer dizer, a execução dos célebres Doze Trabalhos” (BRANDÃO, 2010, p. 100).

Nesse sentido, o trabalho pode ser vivenciado conforme duas perspectivas: como uma experiência dolorosa e/ou como uma maneira de satisfação criativa. Em ambos os casos, a intencionalidade é um fator intrínseco a ele. Desse modo, o que diferencia o pior arquiteto de uma abelha, por exemplo, é que o primeiro levanta a construção em sua mente antes de erguer na realidade, a segunda constrói por instinto, diz Marx (1983 apud Borges e Ribeiro, 2013). As autoras afirmam que Marx “define o trabalho como a categoria maior da condição humana definindo o homem como espécie”. (p. 21)

O trabalho também acontece em outras formas de vida (animais, plantas, entre outros), entretanto, a diferença do trabalho humano para as demais espécies, como mencionamos há pouco, é a intencionalidade, ou seja, o homem, em certa medida, planeja aquilo que irá realizar; já os animais realizam o trabalho por instinto (BRAVERMAN, 1997). Por outro lado, há sempre a dimensão da contingência no mundo do trabalho, daquilo que não foi planejado, como por exemplo, o acidente.

Nessa perspectiva, observamos outras diferenças e especificidades do trabalho no mundo dos falantes, isto é, a dimensão do desejo e do gozo, bem como a tessitura de um lugar e um nome por meio do trabalho. A dimensão do desejo acontece quando mobiliza uma ação e uma invenção por parte do sujeito. E, no que tange à dimensão do gozo, quando promove um excesso, algo que não se pode nomear. Nesse sentido, a relação humana com o trabalho é uma relação sintomática, que diz respeito a uma parceria entre o sujeito e o trabalho.

Pensando por esse prisma, Borges e Ribeiro (2013, p. 24) reiteram: “Sabemos que a relação do sujeito com o seu trabalho é sempre única, singular. E que o trabalho pode ocupar diversos lugares na vida deste sujeito: pode ser um objeto de investimento libidinal e pode estar incluído no sintoma deste sujeito”.

De acordo com Souza (2010, p.15), o sintoma é uma saída do sujeito para um conflito psíquico, podendo suscitar sensação de prazer e desprazer. “Ou seja, que um mesmo acontecimento pode ser ao mesmo tempo fonte de prazer e desprazer”. Essa polaridade pode ser encontrada em muitas obras freudianas, entretanto, Lacan a unificou com o conceito de gozo, concebido pelo psicanalista como uma retomada simbolizante de algo que foi perdido.

Essa noção de gozo está ligada, por sua vez, à repetição, que se alia à ideia de pulsão de morte (tendência do sujeito a autodestruição). Com isso, Lacan afirma que isso também estrutura a linguagem, a qual é um fenômeno de repetição. Ele, no final de sua obra, vai deslocando a noção de gozo gradativamente para a noção de real⁷. Ali, onde a gente goza está nosso excesso, o traumático, o inominável, aquilo que não queremos renunciar, a fonte origem da nossa mais fervorosa angústia (DUNKER, 2017). Assim, a relação sintomática entre sujeito e trabalho pode ser considerada como um meio de gozo.

Outra especificidade em relação ao trabalho humano e animal, é que na dimensão humana tanto a natureza quanto o próprio homem são modificados⁸, ou seja, o próprio homem se transforma. Essas mudanças podem dignificar o ser humano, como também tirar-lhe a humanidade e confundí-lo como simples objeto de finalidade produtiva, conforme destaca Braverman (1997, p. 54):

Só quem for o senhor do trabalho de outros confundirá força de trabalho com qualquer outro meio de executar uma tarefa, porque para ele, vapor, cavalo, água ou músculo humano que movem seu moinho são vistos como equivalentes, como “fatores de produção.

Portanto, no sistema produtivo, o sujeito não encontrando condições sociais favoráveis para sobrevivência vende barato sua força de trabalho ao empregador que, por sua vez, o verá como um simples meio de produção, já que a produtividade e o lucro são o que interessam ao capital. Neste sentido, o trabalhador passa a ser como qualquer outro instrumento de execução de tarefas, ou seja, reduzido a coisificação ou simplesmente a uma mercadoria que pode ser vendida e comprada. Esta transformação não acontece sem consequência ao psiquismo humano, como problematizaremos a seguir.

⁷ Real, Simbólico e Imaginário são conceitos da psicanálise lacaniana. O real, que deve ser distinguido da realidade, é o inominável, o que não tem sentido, aquilo que não pode ser nomeado ou representado. “O Simbólico remete simultaneamente à linguagem e à função compreendida por Lévinas Strauss como aquela que organiza a troca no interior dos grupos sociais; o Imaginário designa a relação com a imagem do semelhante e com o corpo próprio”. (VANIER, 2005 apud Chaves, 2009, p. 44).

⁸ Hannah Arendt (1983 apud Ângela, 2009) diferencia trabalho, obra e ação. A autora define trabalho como uma atividade ligada à necessidade e diz respeito à sujeição do homem imprescindível da vida. A obra é uma intervenção do homem na natureza, visando à produção de objetos manufaturados, assegurando desta forma sua presença no mundo, onde a permanência e estabilidade são introduzidas, gerando sensações de identidade e pertinência no mundo. Já a ação não necessita da mediação de coisas, é a única atividade realizada entre os homens que prescindiu do artificialismo da fabricação e não se reduz às necessidades, podendo ser encontrada em muitos projetos de vida e, conforme a autora, estreia o espaço público da pluralidade.

Trabalho como fonte de prazer e sofrimento psíquico

A relação entre trabalho e saúde pode ser pensada como um importante campo de pesquisa, visando a compreensão do sujeito e a forma como este faz laço social dentro do mundo. Nos estudos da saúde mental e do trabalho, o francês Christophe Dejours (2012) desenvolve uma importante contribuição, através da psicodinâmica do trabalho, ao conceber o ato de trabalhar como algo fundamental para a saúde, buscando entender as estratégias desenvolvidas pelo sujeito para enfrentar o sofrimento ao exercer um ofício, e as defesas contra uma possível doença que os trabalhadores venham a desenvolver.

O ponto de vista de Dejours (1992) é o de que o trabalho não é, por si, nem necessariamente, patogênico. No entanto, sob o capitalismo, é uma “loucura”, tal como o bem descreve no livro, *A Loucura do Trabalho*. O autor pensa o conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico para além do modelo casualista. A conceituação de organização do trabalho (divisão do trabalho e divisão de homens) foi construída para contrastar com as condições de trabalho (pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas). Esta última, sendo foco dos estudos dos pesquisadores médico e ergonômicos, afetam diretamente o corpo, podendo ocasionar desgaste, envelhecimento e enfermidades somáticas. Por outro lado, a primeira atua no nível do funcionamento psíquico: “A divisão das tarefas e o modo operatório incitam o sentido e o interesse do trabalho para o sujeito, enquanto a divisão de homens solicita sobretudo as relações entre pessoas e mobiliza os investimentos afetivos, o amor e o ódio, [...]” (DEJOURS e ABDOUCHELI, 2012, p. 125). Portanto, podendo ocasionar sofrimento de acordo com o que caracteriza a organização da personalidade de cada indivíduo, que irá reagir à realidade de maneira estritamente original.

Porém, vale aqui salientar que, através de suas pesquisas, os trabalhadores não se mostram passivos em face das pressões organizacionais e exigências advindas do mundo do trabalho, pelo contrário, criam mecanismos de proteção que os capacitam para se defender dos possíveis efeitos nefastos à saúde. Contudo, tais defesas não isentam o trabalhador de estar passivo ao adoecimento, como ressalta Leda Leal Ferreira, ao apresentar o livro, *A Loucura do Trabalho*, de Christophe Dejours (1992, p. 10): “Quando a organização do trabalho entra em conflito com o funcionamento psíquico dos homens, quando estão bloqueadas todas as possibilidades de adaptação entre a organização do trabalho e o desejo dos sujeitos, então emerge um sofrimento patogênico”.

A psicodinâmica do trabalho nos ajuda, portanto, a entender como os trabalhadores se defendem/protegem dos efeitos negativos e patológicos do ambiente de trabalho, assim como,

pode elucidar as formas encontradas por esses sujeitos para vivenciar aquilo que é definido como o *trabalho real* (DEJOURS, 2004). Este difere-se do *trabalho prescrito*, uma vez que é a manifestação concreta daquilo que anteriormente se colocava apenas no plano dos objetivos. Existe uma discrepância, conforme aponta Dejours (2004, p.28), “entre o prescrito e a realidade concreta da situação. Esta discrepância entre o prescrito e o real se encontra em todos os níveis de análise entre tarefa e atividade”. Tal teoria busca entender como a saúde mental do sujeito é afetada e como este obtém prazer e sofrimento no ofício exercido.

Nesse sentido, tal teoria nos ajudará a entender se o ofício de cozeiro se assenta na organização de trabalho, mentalmente perigosa para o sujeito, atacando o desejo do trabalhador, de modo a gerar sofrimentos psíquicos e, eventualmente, doenças mentais e físicas.

O trabalho tanto pode ser motivo de adoecimento, como também pode ser a fonte de prazer e saúde do sujeito. Buscamos com essa teoria entender tanto as dimensões relacionadas às condições físicas do trabalho de cozeiro, bem como adentrar nas questões relativas à organização do trabalho, que diz respeito ao modo operatório do serviço de cozeiro, que abrange tanto as questões relativas ao exercício prático de tal ofício, como as relações humanas construídas a partir da prática dessa profissão.

Para isso, a psicodinâmica do trabalho descreve alguns conceitos fundamentais, nos quais se manifestam as mobilizações subjetivas do sujeito: as vivências de prazer e sofrimento; as estratégias defensivas e o espaço de discussão coletiva; a inteligência prática e a cooperação. Portanto, é preciso que compreendamos a importância, em pesquisa, de dar voz ao trabalhador que não tem visibilidade social (DEJOURS, 2004).

Nesse contexto, o sofrimento é concebido enquanto vivência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e o conforto ou bem-estar psíquico, assim, o “[...] “sofrimento patológico” surge quando todas as possibilidades de adaptação ou ajustamento à organização do trabalho pelo sujeito, para colocá-lo em concordância com seu desejo foram utilizadas, e a relação subjetiva com a organização do trabalho está bloqueada” (DEJOURS e ABDOUCHELI, 2012, p. 127).

O sofrimento não é apenas uma consequência última da relação com a realidade, ele é ao mesmo tempo proteção da subjetividade com relação ao mundo, na busca de meios para agir sobre o mundo, visando transformar este sofrimento e encontrar a via que permita superar a resistência do real. (DEJOURS, 2004, p.28).

Dentro desse quadro, o sofrimento advindo do conflito entre a organização do trabalho e o trabalhador suscita as estratégias defensivas do sujeito. Essas estratégias têm como alvo principal a diminuição da percepção que os trabalhadores têm da realidade, das pressões e fontes de sofrimento; em geral, funcionam como um retorno da relação subjetiva com as pressões patogênicas.

No contexto em que vários sujeitos experimentam individualmente um sofrimento único, advindos da mesma fonte, há a possibilidade de reunirem esforços para a construção de uma estratégia defensiva comum. Tais estratégias vão para além dos impactos psíquicos singulares, essenciais à estruturação, coesão e estabilização dos coletivos de trabalho, conforme Dejours e Abdoucheli (2012). Nesse sentido, podemos conceber o surgimento dos sindicatos, como uma das formas do trabalhador se defender do sofrimento do mundo do trabalho.

Por outro lado, podemos compreender outras medidas, enquanto regras de trabalho ou ofícios, que os trabalhadores criam e estão em desacordo com a organização do trabalho prescrito. Não se trata apenas de macetes ou truques pontuais e isolados, mas de articulações coerentes entre elas e que conduzem a verdadeiros princípios reguladores para a ação e gestão das dificuldades observadas no curso do trabalho, mobilizando, então, uma forma específica de inteligência, que envolve invenção, imaginação, inovação, ajustamentos, denominada de “inteligência astuciosa”, que não está presente apenas na dimensão do sofrimento, mas leva a atingir, como contrapartida de seu exercício, o prazer. (DEJOURS e ABDOUCHELI, 2012).

As contribuições que os pesquisadores oferecem ao mundo do trabalho são importantes, mas limitadas, caso não se dê espaço à fala dos trabalhadores. O ponto de vista desses sujeitos, portanto, é fundamental para a compreensão da relação entre saúde e trabalho. De acordo com Dejours (1986, p. 8), “[...] a saúde das pessoas é um assunto ligado às próprias pessoas. Essa ideia é primordial e fundamental: não se pode substituir os atores da saúde por elementos exteriores”.

Dessa forma, saúde não é assunto dos médicos, instituições ou do Estado, pelo contrário, Dejours (1986) discorda do conceito de saúde, bem-estar biopsicossocial, oriundos das organizações internacionais. Concebe a impossibilidade de o conceito de saúde ser definido e vê o perfeito e completo estado de bem-estar como algo inexistente. Quanto à saúde mental, nos fala que devemos evitar julgamentos definitivos sobre o que é normal e o que não o é. Coerente com esse pensamento, Veras (2009, p. 4) assegura que “é a partir da clínica do caso único que afirmamos que o ser normal é impossível”.

Nesse sentido, tal referencial teórico auxiliará a entender os sujeitos que se encontram atuando na profissão de coveiro, oferecendo suporte para ouvir e primar pela fala do trabalhador, uma vez que esta irá indicar tanto as questões relativas ao sofrimento, quanto ao prazer e as formas de defesa.

A rotina e a importância social da profissão de coveiro

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) determina as principais atividades inseridas na rotina dos coveiros, como veremos a seguir:

Auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, transladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério. (MTE/CBO, 2002).

Aparentemente, não há maiores implicações quanto às atividades acima relacionadas, entretanto, para os trabalhadores imbricados nessa prática, a situação não é tão simples assim. O que era para ser mais uma orientação norteadora para as atribuições de mais uma profissão, nesse caso, pode ser o gatilho de sofrimentos físicos e psíquicos, em razão de estigmas, preconceitos e invisibilidade social, que esta profissão sofre (BATISTA E CODO, 2018). Entende-se que isso está associado à representação que a profissão carrega sobre a morte, evento este atrelado à finitude humana, temática que se tem constituído um tabu, silenciado e negado em nossa sociedade, conforme Rodrigues (2006).

Essa sociedade, considerada moderna, e ainda há outros que a denominam “pós-moderna”, trouxe consigo avanços inquestionáveis, porém, no mundo do trabalho, as novas configurações deixaram a rotina de muitos trabalhadores “adoecedora”. Apesar da profissão de coveiro não ter sofrido mudanças significativas, essa atividade impõe desgastes em várias áreas, como explicam as autoras abaixo:

O trabalho de coveiro expõe o indivíduo a uma série de situações desgastantes. Em primeiro lugar é uma profissão que exige do indivíduo muito esforço físico o que ao longo dos anos de trabalho configura em um quadro de esgotamento físico. Em segundo lugar o ambiente de trabalho, o cemitério, não apresenta uma estrutura física agradável e por fim o lado emocional das pessoas que necessitam do serviço, os familiares com o psicológico conturbado face ao momento de tristeza e desespero, evidenciado pelo choro e gritos. (FERNANDES e SOUSA, 2012, p. 08- 09).

Diante disso, percebe-se que quando se trata da profissão de coveiro, é muito improvável que alguém deseje esse ofício. Dificilmente, os filhos desses profissionais irão querer seguir a mesma profissão, não apenas pela rotina desse profissional exigir grande impacto físico e psicológico, mas principalmente pelo preconceito em relação à profissão (CATIVO E WEIL, 2015). O desgaste físico se dá em virtude do esforço para abertura e fechamento das covas. Com o passar do tempo, vai ocorrendo um esgotamento físico pelo grande investimento de energia dispensado a essa prática, sendo agravado pelo peso da idade no indivíduo e o lidar repetitivo com a morte do outro (SATO, 1995 apud TAVARES e BRAHM, 2013).

Além da deterioração do próprio corpo, o ofício de coveiro se torna difícil, pois, no imaginário social, o cemitério é considerado como área maldita, suja e imunda, carregado de valor simbólico obscuro (VALE e MACIEL, 2016), apesar desse cenário ter se modificado com os cemitérios parque⁹. Entretanto, o cemitério é um lugar onde as pessoas evitam ir. É muito improvável quando se pensa em fazer um passeio, colocar o cemitério no itinerário, com exceção daqueles onde estão sepultadas pessoas famosas. A ida ao cemitério geralmente está associada a momentos tristes da vida, sendo relacionado ao sepultamento de um ente querido e/ou conhecido. Porém, é nele que os coveiros passam uma boa parte de suas vidas. Assim sendo, percebe-se que a política de saúde do trabalhador está mais preocupada em tornar os ambientes de trabalho salubres e mais agradáveis possíveis, diferentemente da realidade vislumbrada na grande maioria dos cemitérios.

O profissional que exerce o ofício de coveiro é também bombardeado pelas fortes emoções dos familiares em prantos, os quais expressam suas dores por meio de gritos, lamentos, desesperos e todo sentimento deprimente que se aflora em uma cerimônia fúnebre, inerente ao trabalho de luto. Esse extravasamento emocional, trazido pelos funerais, afeta diretamente os profissionais que lidam com os serviços necessários após a morte de uma pessoa e, nesse caso, como o coveiro traz a representação de finitude nesses momentos, isso é muito intenso sobre eles. Trata-se de uma profissão convocada para o trabalho socialmente doloroso, ou seja, sepultar-a-dor.

Essa situação é agravada quando os familiares sepultam entes com um grau de periculosidade considerável. Nessas situações, a vida do coveiro é exposta a perigos, que vão além do simples exercício profissional, já que tal profissional pode ficar à mercê de um tiroteio,

⁹ “Sua principal característica é a ampla área verde, que vai além de um mero gramado. Apresenta um conjunto paisagístico harmonioso, contando com bosques, trilhas e outros atrativos naturais” (CEMITÉRIO, 2018).

por exemplo, diante da possibilidade de famílias rivais desejarem vingança no momento do sepultamento do corpo (CORREIO, 2016).

Além dessas questões, o profissional está exposto aos riscos de contaminação, uma vez que lidam diretamente com cadáveres e restos mortais, pois a exumação também faz parte da rotina dessa profissão e isso pode ser agravado pela falta dos equipamentos de proteção individual. Essa atividade de desenterrar cadáver é, portanto, outro risco à saúde do coveiro (CATIVO E WEIL, 2015).

Outro ponto que se relaciona com as dificuldades vivenciadas pelos coveiros é a ausência de informação quanto à situação trabalhista. Cativo e Weil (2015), em uma pesquisa realizada com esses profissionais no município de Parintins, Amazonas, revelou que os coveiros desconheciam os vínculos trabalhistas com a prefeitura. Os profissionais não souberam responder sobre os direitos derivados do trabalho, como: contribuição previdenciária, insalubridade, seguro saúde, entre outros. Apesar de todos os riscos a que são expostos, seus direitos geralmente são negligenciados, revelando, dessa forma, a precarização e desrespeito a essa profissão.

No entanto, apesar dessa rotina de coveiro tender ao desgaste, é indiscutível a importância social dessa profissão, tendo em vista que exerce uma atividade indispensável dentro da nossa sociedade: o destino dos corpos humanos mortos, os restos mortais e a organização dos espaços de memória. Contudo, compreende-se que a relevância social dos coveiros é negligenciada, graças ao temor cultural da morte.

Metodologia

O levantamento de dados para esta revisão bibliográfica foi realizado no mês de outubro de 2018. Utilizou-se as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a plataforma eletrônica do Google Acadêmico. Foram utilizados como descritores: coveiro *or* sepultador, para possibilitar a obtenção de um maior número possível de produções dentro da temática proposta por esta pesquisa.

A SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A BVS Brasil é parte integrante da Biblioteca Virtual em Saúde para América Latina e Caribe, a BDTD é um portal que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras e a CAPES é

uma biblioteca virtual que disponibiliza as instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor das produções científicas internacionais. Em relação ao Google Acadêmico, trata-se de uma plataforma eletrônica que permite o acesso dos usuários a artigos científicos, dissertações, teses de doutorados, entre outros.

Os critérios de inclusão utilizados na escolha das produções foram: a) trabalhos publicados no período de 2013 a 2018; b) acesso gratuito ao texto completo; c) disponíveis na língua portuguesa. Os critérios de exclusão elegidos foram estudos: a) repetidos nas bases de dados pesquisadas ou dentro da mesma base; b) que não tratavam de questões sobre o trabalho de coveiro e/ou sua saúde física ou mental.

Inicialmente, foram encontradas 51 produções. Após a análise dos estudos considerando os critérios de inclusão supracitados restaram 33 estudos. Destes, 24 foram removidos devido aos critérios de exclusão, permanecendo para análise 9 estudos. Os resultados e a discussão desse conjunto de produções científicas serão discutidos no próximo tópico.

Análise dos resultados

Foram incluídos 9 estudos para a revisão, onde se destacaram os fatores que julgamos mais relevantes, observados no exercício da profissão de coveiro, tais como: preconceito e estigma, precarização do trabalho, sofrimento psíquico, relação social delicada junto as famílias enlutadas, alcoolismo e quais as estratégias defensivas usadas por esses profissionais diante disso.

Hayasidda *et al.* (2014), ao realizarem uma revisão bibliográfica sobre a morte, o luto e as competências profissionais nos diversos contextos, identificaram a necessidade da criação de programas voltados à educação para a morte nos currículos dos profissionais e na sociedade. De maneira geral, os autores indicam a importância de intervenções terapêuticas, visando a cooperação de profissionais da área de psicologia de maneira eficaz para a modificação estrutural e funcional dos cuidados fornecidos, inclusive aos profissionais envolvidos no processo de morte e luto. O estudo revelou que os sepultadores expressaram sofrimento psíquico frente à manipulação de corpos deteriorados, bem como em sepultamento de crianças, chegando a chorar junto aos familiares enlutados.

Fraga (2015) realizou uma pesquisa junto aos sepultadores de dois cemitérios municipais da cidade do Porto/Portugal, a fim de redesenhar as características do trabalho real desses profissionais nos cemitérios. A pesquisa mostrou pouca evolução da profissão, encontrando similaridades com o descrito na literatura, algumas, com mais de 20 anos. E, apesar

do coveiro padecer de preconceitos, invisibilidade social, salários baixos, tarefas árduas, precarização nas condições de trabalho, tensão afetiva diante de famílias enlutadas, executam o trabalho como cuidado e dedicação.

Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), ao analisarem a questão da morte no cotidiano de trabalho de profissionais funerários, identificaram os coveiros como um grupo de profissionais que se encontra no momento do ritual do enterro. Portanto, configura-se como um trabalho que presencia, constantemente, situações de fortes emoções, principalmente no sepultamento de crianças. O ápice se dá quando a terra da pá cai no caixão, encerrando o processo de velamento. Nesse momento, os familiares materializam os sentimentos de dor, tristeza e raiva, diretamente nos profissionais envolvidos no enterro, os quais, diante dessa torrente de sentimentos, ficam passivos de revidar as agressões, criando, dessa forma, uma situação constrangedora. Atrelado a tudo isso, acrescenta-se a precarização do trabalho, sem falar que eles têm que lidar com o preconceito relacionado à profissão e a falta de reconhecimento social. Desse modo, usam o álcool com uma solução para lidar com o mal-estar¹⁰.

Tavares e Brahm (2016) realizaram uma pesquisa exploratória junto aos sepultadores de dois cemitérios, localizados no Sul do Estado da Bahia. Os resultados dessa pesquisa revelaram que esses trabalhadores, além do estigma social recebido por lidar diretamente com a questão da morte, não são imunes à forte carga emocional, presente nas famílias enlutadas, tornando-os cúmplices das dores e experiências dos entes queridos. A área afetiva desses profissionais é expressa por meio do choro, aperto no coração, dor e afastamento do local do sepultamento como defesa psíquica. Conforme a fala de alguns entrevistados, eles se esforçam para não ficarem pensando na morte, quando saem do cemitério, para poderem continuar vivendo.

Santos e Almeida (2017) fizeram uma revisão bibliográfica integrada para investigar os principais fatores de risco existentes para os profissionais coveiros. Em relação aos riscos psicossociais, demonstraram que os sepultadores são afetados, de maneira mais intensa, em enterros de crianças; e, em relação aos familiares do defunto, os profissionais sentem dificuldade em começar a jogar terra para cima do caixão, revelando, dessa forma, nos dois casos, sofrimento psíquico em virtude da relação social, estabelecida por meio da profissão. A pesquisa mostrou que o alcoolismo, nessa profissão, é uma das principais causas de indisciplina e absenteísmo.

¹⁰ Na obra de Sigmund Freud de 1930, *O mal-Estar na Civilização*, o autor afirma que a vida é árdua demais, pois nos traz muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. Desta forma, para suportá-la, as medidas paliativas são indispensáveis, a saber: A religião, a arte, a ciência e as substâncias tóxicas. A três primeiras Freud diz que são satisfações substitutivas e a última nos torna insensíveis as nossas desgraças.

Cativo e Weil (2015) identificaram como as condições de trabalho dos coveiros em Parintins, Estado do Amazonas, afetam a saúde desses trabalhadores. A pesquisa indicou um processo de precarização de trabalho, em que salários baixos, insalubridade e desconhecimento sobre seus direitos trabalhistas foram identificados. Além disso, os sepultadores são afetados diariamente em virtude da dor, da perda e luto dos familiares dos mortos no ambiente de trabalho, cemitério. A chuva e o sol também são descritos como fatores estressantes para esses trabalhadores.

Monteiro *et al.* (2017), em um trabalho de pesquisa junto aos coveiros de três cemitérios de Belo Horizonte/MG, evidenciaram, claramente, as estratégias defensivas, utilizadas por esses profissionais frente à discriminação e a carga emocional recebidas por eles. Diante do estigma trazido pela profissão, os trabalhadores veem seu ofício como indispensável à sociedade, exigindo coragem para exercer tal profissão. Em face do preconceito da palavra coveiro preferem ser denominados trabalhadores braçais. A comparação com outros profissionais que lidam com a morte foi outra estratégia observada, para se defenderem da desvalorização social. Em relação à atividade de sepultamento, alguns entrevistados disseram que, no início, se escondiam para não chorar com o pessoal, mas depois foram se acostumando. A pesquisa mostrou também que o exercício de coveiro exige preparo físico e psicológico, a fim de lidar com a realidade da morte.

Iraha, Silva e Paula (2017) em um estudo exploratório sobre o sentido do trabalho dos coveiros, desenvolvido em dois cemitérios de Belo Horizonte/MG, revelaram a agressividade das famílias em relação aos coveiros no ato do sepultamento. A comoção no sepultamento de crianças apareceu na pesquisa como algo muito doloroso para esses profissionais. As brincadeiras em grupo, a cooperação entre eles, o uso abusivo de álcool, até mesmo antes das tarefas, e a religião aparecem na pesquisa como mecanismos de defesa frente ao real da morte. Somado a isso, a pesquisa mostrou que a invisibilidade social e o preconceito são fatores que estão atrelados ao sofrimento dos coveiros.

Batista e Codo (2018) demonstram, por meio de uma pesquisa exploratória em cemitérios de São Paulo, a descrição e a enumeração das estratégias defensivas de sepultadores e motoristas paramentadores diante dos preconceitos e estigmas atrelados ao trabalho considerado sujo pela sociedade. Em relação aos coveiros, objeto de estudo desta pesquisa, eles se defendem do estigma do trabalho sujo, sacralizando os sepultamentos, considerando-se homens de coragem ao exumarem corpos, e mostrando a necessidade de possuírem habilidades para lidar como as famílias enlutadas. Ainda para moderarem o estigma do trabalho, se

comparam com outras categorias profissionais do serviço funerário. A cooperação, tão importante às estratégias defensivas de um coletivo de trabalho frente as demandas e pressões da organização do trabalho, aparece como elemento fundamental à superação do sofrimento vivenciado no exercício da profissão.

O quadro 1 realiza uma síntese, de acordo com os autores pesquisados, da nomeação dos sofrimentos por meio de categorias mais relevantes, a saber: preconceito e estigmas; precarização do trabalho; sofrimento psíquico; relação com as famílias enlutadas; alcoolismo, dentre outros, bem como descreve as estratégias defensivas individuais e/ou coletivas utilizadas pelos sepultadores.

Quadro 1

Síntese das categorias mais relevantes da pesquisa

| Categorias | Estratégias Defensivas |
|--|--|
| Preconceitos e Estigmas | Sacralizam o sepultamento; Intitulam-se como homens de coragem por exumar corpos; Comparam-se com outros profissionais que lidam com a morte; Veem o ofício como indispensável à sociedade; Intitulam-se como homens de coragem; Preferem ser chamados trabalhadores braçais à coveiro; Alcoolismo |
| Precarização do Trabalho | Alcoolismo |
| Sufrimento Psíquico | Afastamento do local do sepultamento para evitar: o choro, a dor, aperto no coração; Esquecimento do trabalho ao sair do cemitério, para viver. Alcoolismo; sentem-se deslocado da profissão, assumindo a função de psicólogo ou padre. |
| Relação com as Famílias Enlutadas | Silêncio; Alcoolismo; Compreensão |
| Alcoolismo | Absenteísmo; Indisciplina |
| Observação – Os coveiros utilizam também estratégias defensivas coletivas. Amenizam a dor através de brincadeiras com os pares, bem como recebendo apoio deles. | |

Fonte: Dados da pesquisa (2018) baseadas em: Kovács, Vaiciunas e Alves, 2014; Cativo e Weil, 2015; Tavares e Brahm, 2016; Santos e Almeida, 2017; Santos e Almeida, 2017; Iraha, Silva e Paula, 2017; Fraga, 2015; Hayasidda et al. , 2014; Batista e Codo , 2018; Monteiro et al., 2017).

A seguir, discorreremos sobre as categorias apresentadas na tabela acima, ressaltado como algumas delas se repetem nos estudos pesquisados. Mostrando, desta forma, como os trabalhadores coveiros são atravessados pelo sofrimento frente ao real da morte.

Preconceitos e estigmas

Entre os trabalhos pesquisados, observamos que apenas um não trata do preconceito, estigma ou discriminação sofridos pelos profissionais que atuam como sepultadores nos cemitérios, entretanto, todos os demais ressaltaram esse ponto. Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), Cativo e Weil (2015) descrevem que a falta de reconhecimento profissional e o preconceito são decorrentes do exercício da profissão de sepultador. Fraga (2015) mostra que o tratamento de menosprezo, por parte de algumas pessoas, dada aos coveiros, procede da representação social atribuída a esse trabalhador, tido como alcoólatra, iletrado e mau operário.

A pesquisa de Tavares e Brahm (2016) destacou que o estigma social, recebido por essa classe de trabalhadores, se dá em razão de lidarem diretamente com a questão da morte. Já na investigação de Santos e Almeida (2017), apesar da profissão padecer de preconceito, a maioria dos profissionais demonstrou lidar bem com isso. Monteiro *et al.* (2017) e Batista e Codo (2018) investigaram que a sociedade considera o trabalho de coveiro como sujo, nojento e repugnante, por manusear corpos mortos, por isso o preconceito e o estigma em relação à profissão. Nesse contexto, Iraha, Silva e Paula (2017) descobriram que a invisibilidade social e o preconceito são fatores atrelados ao sofrimento dos coveiros.

Precarização do trabalho

No tocante as condições de trabalho, Cativo e Weil (2015) constataram um processo de precarização do trabalho dos coveiros, salários baixos e desconhecimento sobre seus direitos trabalhistas fazem parte da vida desses profissionais. Hayasidda *et al.* (2014) identificaram a falta de equipamentos adequados para o exercício do ofício. A inexistência de uma formação específica ou cursos preparatórios para as tarefas de sepultadores, colocando-os, dessa forma, em situação de risco, em razão da falta de preparo adequado, foram apontados na pesquisa de Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) e Fraga (2015). Este, por sua vez, destacou a ausência de EPI's, o risco de acidentes em sepulturas e jazigos ameaçados de desabarem, bem como a dura realidade dos baixos salários. Isso posto, percebe-se a necessidade de uma formação básica, para orientar o coveiro quanto ao manuseio de corpos deteriorados e/ou restos mortais,

mostrando a importância da utilização de luvas, botas e máscaras e vestimentas adequadas, assim como a necessidade de higienização corporal a fim de evitar contaminação.

Sufrimento psíquico

O sofrimento psíquico dos profissionais que lidam com a morte, mobilizados pela parte afetiva diante do enterro de crianças, aparecem em três artigos. Hayasidda *et al.* (2014) salientaram o sofrimento dos sepultadores extravasado por meio de choro diante de sepultamento de crianças. Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) relatam que os coveiros buscam formas de se defender frente a morte de infantis. Santos e Almeida (2017) discorrendo sobre os riscos psicossociais da profissão, constataram, também, que os coveiros ficam mais perturbados em enterros infantis. Iraha, Silva e Paula (2017) destacaram que a comoção no sepultamento de crianças se apresenta como algo muito doloroso para os profissionais em questão. Fraga (2015) salienta o coveiro como um sujeito deslocado da profissão, em certos momentos, tendo que realizar a função de psicólogo ou padre, pois não sepultam apenas corpos.

Relação social delicada junto as famílias enlutadas.

No trabalho dos coveiros, não estão prescritas habilidades de enfrentamento frente a algumas realidades deparadas por essa profissão, como acabamos de constatar no sepultamento de crianças. Além disso, a delicada relação que a profissão exige, diante das famílias enlutadas, sobretudo nos momentos finais do ritual da cerimônia fúnebre, é abordada por seis artigos. Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), Santos e Almeida (2017) e Fraga (2015) dizem que a relação com os familiares se torna delicada quando a primeira pá de terra cai no caixão, instante que a dor, raiva, tristeza são materializadas diretamente nos profissionais envolvidos no sepultamento. O último, enfatiza a tensão gerada também por ocasião de exumação, chegando a travar o trabalho do coveiro.

Já Tavares e Brahm (2016) e Cativo e Weil (2015) ressaltam que as famílias enlutadas compartilham suas dores junto aos coveiros. Iraha, Silva e Paula (2017) descrevem como esses profissionais da morte ficam passivos à agressividade dos parentes de falecidos na ocasião dos sepultamentos. Já a pesquisa de Batista e Codo (2018), percebendo todos esses atravessamentos, mostra a necessidade desses profissionais possuírem habilidades para lidarem com as famílias enlutadas. Nesse sentido, Freud (1930) identificou as relações interpessoais como uma das fontes de sofrimento mais penosas do homem na civilização, seguidas do nosso próprio corpo, condenado à destruição e as forças esmagadoras do mundo externo.

Alcoolismo

O consumo de álcool como forma de defesa frente ao real da morte na profissão de coveiro foi destaque em quatro artigos. A pesquisa de Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) constatou o consumo de álcool como saída para o mal-estar. Nos estudos de Santos e Almeida (2017), o alcoolismo aparece na profissão de coveiro como importante causa de indisciplina e absenteísmo. E na pesquisa exploratória de Iraha, Silva e Paula (2017), é ressaltado o uso abusivo de álcool, até mesmo antes do sepultamento.

Estratégias defensivas

O alcoolismo não é a única estratégia defensiva, utilizada pelos profissionais coveiros frente ao real da morte. O afastamento do local do sepultamento para evitar o choro, a dor e o aperto no coração, ou seja, angústia, bem como a tentativa de não se lembrar da morte para continuarem vivendo, aparecem na pesquisa de Tavares e Brahm (2016). Monteiro *et al.* (2017) destacam que alguns entrevistados disseram que no começo da profissão se escondiam para não chorar junto aos familiares, porém, com o passar do tempo, foram se acostumando.

Em relação à desvalorização social, estampados pelo preconceito e estigma da profissão de coveiro, foram evidenciados vários mecanismos de defesa, vistos em pelo menos duas pesquisas. Diante do estigma trazido pela profissão, os trabalhadores veem seu ofício como indispensável à sociedade, exigindo coragem para exercer tal profissão e, mediante o preconceito da palavra coveiro, preferem ser denominados trabalhadores braçais (MONTEIRO *et al.*, 2017); para se defenderem do estigma do trabalho sujo, sacralizam os sepultamentos e consideram-se homens de coragem por exumarem corpos (BATISTA e CODO, 2018).

A comparação com outros profissionais que lidam com a morte foi outra estratégia para se defenderem da desvalorização social ((MONTEIRO *et al.*, 2017; BATISTA e CODO, 2018). A cooperação entre os pares é ressaltada como elemento importante para juntos, os profissionais que lidam com a morte, superarem o sofrimento vivenciado no trabalho (FRAGA, 2015). As brincadeiras compartilhadas entre o coletivo servem para amenizar a percepção diante do difícil ofício de sepultar-a-dor (IRAHA, SILVA e PAULA, 2017; FRAGA, 2015), bem como o apoio recebido pelos pares (FRAGA, 2015; BATISTA e CODO, 2018).

O aumento na cadência para execução de tarefas aparece na pesquisa de Fraga (2015) como estratégia defensiva na obtenção de prazer. Não obstante, este mesmo autor verificou que quando os trabalhadores coveiros são envolvidos em tarefas relacionadas a tomadas de decisão,

originalmente destinada à chefia, há uma visível satisfação, uma vez que aumenta o sentimento de controle sobre o trabalho e o reconhecimento dentro da organização do trabalho, pelos pares e administradores.

Considerações finais

No Brasil, a exploração dos trabalhadores que ocupam funções estigmatizadas se apresenta tanto na forma como esses profissionais são tratados, como também na remuneração obtida. Na maioria das vezes, não se oferece uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, bem como a remuneração sempre se apresenta como inversamente proporcional ao desgaste físico e mental. Desta forma, isso pode provocar nesses trabalhadores uma sensação de exploração e desestímulo.

Um trabalho marcado por estigmas e dificuldades, como é o caso da profissão de coveiro, pode desencadear, nos sujeitos que realizam tal ofício, reações variadas. A partir do que foi exposto, entendemos que pensar em formas de cuidado para o coveiro torna-se essencial, visando evitar possíveis adoecimentos tanto físicos quanto mentais de um profissional que, apesar do preconceito, mostra-se como indispensável para a nossa sociedade, uma vez que é ele que realiza o último ato de direcionamento dos corpos humanos, no momento em que estes se despedem da vida.

A construção de produções acadêmicas, que se dediquem a investigar e propor intervenções para esses profissionais, torna-se um passo importante, no sentido de retirar da invisibilidade o profissional coveiro, apesar de constatado um número insuficiente de produções que se dediquem a pensar o coveiro enquanto trabalhador que demanda cuidado. Isso pode ser feito pela criação de programas voltados à educação para a morte nos currículos dos profissionais e na sociedade, de maneira geral, conforme sugerido na pesquisa de Hayasidda *et al.* (2014).

Entretanto, admitimos os limites da presente pesquisa, uma vez que não foram analisadas teses de doutorado, livros, dentre outras produções mais abrangentes sobre a saúde mental dos coveiros, assim como só adentraram, enquanto objeto de análise, as produções científicas, em português, restrito aos últimos cinco anos.

Nesses termos, considera-se que a criação de estratégias de enfrentamento de dificuldades no trabalho, pensadas em conjunto com os profissionais que atuam nos cemitérios, torna-se um campo possível de atuação da Psicologia. Tendo em vista que, uma escuta que se dedique a ouvir esses sujeitos e a pensá-los enquanto trabalhadores que possuem um valor

essencial para a sociedade, bem como que se preocupe com a saúde e o bem-estar físico e psíquico destes, mostra-se como um olhar que encontra vidas no local onde a morte repousa.

Referências

BORGES, C. S. L.; RIBEIRO, M. A. C. A Psicanálise, O trabalho e o Laço Social. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 4 – n. 2, p. 19-25, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/802> > Acesso em: 20 set. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Norma Regulamentadora 6** – Equipamentos de Proteção Individual. Portaria nº 3.214 de 8 de junho de 1978. Disponível em <http://www.mte.gov.br>> Acesso em 13 de nov. 2018.

BRANDÃO, J. S. Hércules e os Doze Trabalhos. In: **Mitologia Grega**, vol. III, 17. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 93-155.

BRAVERMAM, H. Trabalho e Força de Trabalho. In: BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. Zahar, Rio, 1977.

CATIVO, C.K.V; WEIL, A. G. TRABALHO E MORTE: estudo sobre as condições de vida e os impactos sobre a saúde dos coveiros do município de Parintins. **VII Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Agosto/2015. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo2/trabalho-e-morte-estudo-sobre-as-condicoes-de-vida-e-os-impactos-sobre-a-saude-dos-coveiros-do-municipio-de-parintins.pdf>> Acesso em: 20 out. 2018.

CEMITÉRIO SEM MISTÉRIO. **Cemitério tradicional x cemitério parque: quais as diferenças?** Disponível em: <<https://cemiteriosemmisterio.com.br/cemiterio-tradicional-x-cemiterio-parque-quais-as-diferencas/>> Acesso em: 20 out. 2018.

CHAVES, W. C. Considerações a respeito do conceito de real em Lacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 41-46, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a06v14n1.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2018.

CORREIO 24 HORAS. **Tirroteio entre bandidos provoca pânico durante sepultamento em Salvador**. Disponível em: www.correio24horas.com.br/noticia/nid/tirroteio-entre-bandidos-provoca-panico-durante-sepultamento-em-salvador/ > Acesso em: 05 nov. 2018.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: _____. JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuição da Escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. DEJOURS, C. *et al.* São Paulo: Atlas, 2012, p. 119-145.

_____. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 14, n. 54, p. 7-11, abr./jun. 1986.

_____. **Loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. Ampliada - São Paulo: Cortez - Oboré; 1992.

_____. **Subjetividade, trabalho e ação**. Prod., São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, Set./Dez. 2004.

DUNKER, C. I. L. **O que é o gozo para Lacan?** 2017 (8m15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N9sJYvFakso>> Acesso em: 15 nov. 2018.

FERNANDES, M. A; SOUSA, L. E. N. Sofrimento psíquico e a relação com o trabalho. **VIII Seminário de Saúde do Trabalhador, VII Seminário O Trabalho em Debate**, 2012 – UNESP - Franca/SP. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n8/19.pdf>> Acesso em: 28 out. 2018.

FERREIRA, L. L. Apresentação. In: DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**. 1992.

FRAGA, B. M. O. Realidade Laboral: a invisibilidade do trabalho de cozeiro. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto, p. 60, 2015. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/83268/2/120484.pdf>> Acesso em: 20 de out. 2018.

FREUD, S. (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, 4. ed. Zahar, 1988.

HAYASIDA, N. M. A *et al.* Morte e luto: competências dos profissionais. **Rev. Brasileira de Terapis Cognitiva**, vol.10, n.2, pp. 112-121, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000200007> Acesso em: 25 out. 2018.

KOVACS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 4, p. 940-954, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400940> Acesso em: 28 out. 2018.

LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real. In: **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 6, p. 79-90, dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006> Acesso em: 09 nov. 2018.

MICHEALIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>> Acesso em 25 nov. 2018.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações**: Trabalhadores auxiliares de serviços funerários: sepultador. Disponível em: <<Http://www.mtcbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>> Acesso em: 18 out. 2018.

MONTEIRO, D.F.B. *et al.* O Trabalho Sujo com a Morte: o Estigma e a Identidade no Ofício de Cozeiro. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, jan/abr 2017, v 6n.1, pp.77-98. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/21424/0>> Acesso em: 20 out. 2018.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga**: envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: pp. 59 e 60. Autêntica, 2009.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANTOS, M.; ALMEIDA, A. Coveiros e Saúde Laboral: pouco mais do que uma reflexão.... **Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional**. 2017, volume 3, 1-7. Disponível em < <http://www.rpso.pt/coveiros-saude-laboral-pouco-do-reflexao/>> Acesso em: 20 de outubro de 2018

SILVA, T. I; Anzanello, J. L.C; Freitas, E. Alcoolismo e trabalho: uma revisão bibliográfica. Centro Universitário de Lins – Unilins. **Revista Cognitivo**, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.revista.unilins.edu.br/index.php/cognitio/article/view/159>>. Acesso em: 02 out. 2018.

SOUZA, A. F. **Dor, Prazer e Desprazer na Obra Freudiana**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, fevereiro, 2010. Disponível em: < <http://teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos/FD88F3A3791A4711775C35A7A74DB C37.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

TAVARES, D. K; BRAHM, J. P. S. Cemitérios, Memória e Emoções: A Vivência Profissional dos Sepultadores do Sul da Bahia Sob o Enfoque da Sociologia das Emoções. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, Vol.2, n.2, set-dez 2016. Disponível em: < <http://seer.unipampa.edu.br/index.php/missoes/article/view/23083>>. Acesso em: 18 de out. 2018.

VALE, C. S.; MACIEL, T. M. F. B. Áreas Malditas: a estigmatização de espaços urbanos. **Caderno de Geografia**, v.26, n.45, 2016. Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Geografia – Tratamento da Informação Espacial. PUC Minas. Belo Horizonte/MG, 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2016v26n45p255>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Veras, M. F. A. S. **A Loucura Entre Nós**: Teoria Lacaniana das Psicoses e a Saúde Mental. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp101391.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

WOLECK, A. **O Trabalho, a ocupação e o emprego**: uma perspectiva histórica. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, Santa Catarina. Disponível em: <www.icpg.com.br>. Acesso em: 31 out. 2018.